

HILDA FURACÃO

Venda e reprodução proibida

ROBERTO DRUMMOND

HILDA FURACÃO

ROMANCE



GERAÇÃO

A

Alberico Souza Cruz, Afonso Celso Guimarães Lopes, Antônio Telles, Argemiro Ferreira, Breno Milagres, Cyro Siqueira, Dodô Caldeira, Euro Arantes, Eraídes Bruschi, Evandro Brandão, Glória Amorim, Geraldo Matta Machado, Hélia Ziller, João Carlos Viegas, José da Rocha Viana, José Maria Rabelo, José Flávio Carvalho, Lauro Diniz, Maria Lúcia Saponara, Ponce de Leon Antunes e Rubens de Oliveira Batista, no Brasil.

A

Esther Perez e Arsênio Cícero Sancristóbal, em Cuba.

A

Anabela Drummond Lee, Young Lee, e Roberto Lima, nos EUA.

A

Guy de Almeida, na Itália.

E a

Hilda Furacão, onde ela estiver.

Em geral, a vida não é coisa fácil.

TURGUENIEV

Não invente nunca a fábula nem a intriga. Utilize o que a própria vida oferece. A vida é infinitamente mais rica que nossas invenções. Não existe imaginação que nos proporcione o que, às vezes, nos dá a vida mais corriqueira e comum. Respeite a vida!

DOSTOIEVSKI

As digressões são incontestavelmente a luz do sol; são a vida, a alma da leitura; retirai-as deste livro, por exemplo — e será melhor se tirardes o livro juntamente com elas.

LAURENCE STERNE

Aonde nos levou o sonho?

THOMAS MANN

UM

Venda e reprodução proibida

UM HOMEM MORRENDO NO QUARTO

Na época dos acontecimentos que tanto deram o que falar envolvendo Hilda Furacão, eu trabalhava como repórter na *Folha de Minas* numa Belo Horizonte que cheirava a jasmim e ao gás lacrimogêneo que a polícia jogava nos estudantes e que acabava sendo o perfume daqueles dias. Eu era um rapaz magro, fumava *se-me-dão*, sofria de três ou quatro doenças imaginárias, estava fichado no Dops e acreditava que ainda ia ter minha Sierra Maestra. Por esse tempo eu gostava muito de uns versos do poeta Joaquim Cardozo que diziam:

“Sou um homem marcado
num país ocupado
pelo estrangeiro...”

Havia bastante exagero, mas era assim que eu me sentia; afinal, dia e noite era seguido por Nelson Sarmiento, o mais notório e de certa forma o mais temido agente policial daquela época; baixo, rechonchudo, o cabelo à Príncipe Danilo, um chaveiro girando no dedo, se não desenhava ou fazia anotações em sua agenda, Sarmiento era onipresente. Mais adiante ele vai reaparecer nesta narrativa. Por aquele tempo eu me perguntava:

— Por que Sarmento faz tantos desenhos meus, de frente e de perfil, em sua agenda?

Desde minha prisão, nunca mais tive sossego com Nelson Sarmento; fui preso pela primeira vez numa inesquecível manhã de setembro, organizando a greve geral dos operários da Cidade Industrial de Contagem, a poucos quilômetros de Belo Horizonte e, ao ser obrigado pelos soldados a entrar numa radiopatrulha com meus companheiros Maurício Junqueira e Carlos Romeu Andreazi, gritei:

— Viva a classe operária!

Já no Dops, em Belo Horizonte, depois de fotografado de frente e de perfil e ser fichado e conhecer “tiras” que passavam por bons e outros que faziam questão de ser maus, fui levado, ao anoitecer, com Maurício Junqueira e Carlos Romeu Andreazi para uma cela considerada muito honrosa no quartel da Polícia Militar, em Santa Efigênia; pois nessa cela ampla e confortável, se é possível dizer isso de uma cela, estavam presos os companheiros Roberto Costa e Dimas Perrin, acusados, com base em filme feito pelo já citado Sarmento, de comandarem a multidão que incendiou o consulado americano em Belo Horizonte e queimou a bandeira dos EUA. Era uma prova de status revolucionário ocupar uma cela tão ilustre e fomos recebidos com grande alegria pelos dois companheiros presos; ainda assim, e considerando que o colchão era macio, perdi o sono à noite e descobri que os presos políticos também roncam — e que a liberdade, cujo barulho fora do quartel chegava até minha cama, era mais simples e menos política e ideológica do que eu imaginava: a liberdade era um casal de namorados, trocando beijos e abraços e suspiros, encostados no muro do quartel; era alguém que passou ouvindo um jogo de futebol num rádio de pilha; era uma voz de mãe chamando: “Carla, vem dormir”; era Carla respondendo: “Já vou, mãe!”; e era, finalmente, um bêbado que gritava de madrugada:

— Marta, por que você fez isso comigo, Marta?

Depois que o bêbado passou consegui dormir. Acordei com o toque da alvorada e os soldados marchando no pátio

do quartel; meio dormindo, suspeitei que iria enfrentar um pelotão de fuzilamento; meio dormindo, decidi que, quando perguntassem qual era meu último desejo, eu diria:

— Meu último desejo é viver e amar a bela B.

Mas não fui fuzilado nesse dia, nem em dia nenhum; de forma que, depois do almoço (filé com fritas, feijão, arroz, tomate e um copo de leite), como estávamos proibidos de receber jornais, revistas e livros, o Camarada Dimas Perrin, já com os primeiros e insistentes fios brancos anunciando a cabeleira cor de prata que teria mais tarde, depois do golpe militar de 64 (quando, então, sim, o penduraram no pau de arara e o torturaram até confessar o que sabia e o que não sabia), propôs:

— Vamos fazer uma sessão de estudo político mentalizado.

Cada um de nós devia deitar de costas na cama e recordar trechos do livro *Dois passos para a frente, um para trás*, de Lenin; depois, de posse de nossas recordações, faríamos um debate. Ora, eu nunca tinha lido *Dois passos para a frente, um para trás*, nem nenhum outro livro de Lenin — assim, quando espichei na cama da cela, primeiro segui os movimentos de uma aranha, que é velha e constante companheira dos presos políticos do mundo; depois passei a recordar, uma a uma, as mulheres que de alguma maneira eu amei; desde a negra Das Dores, a cuja mão mágica devo o início de meu jogo sexual, nos bons tempos de Araxá, até a que realmente foi a primeira: chamava-se Alição, fazia a vida na pobre Zona Boêmia de Santana dos Ferros, e, ao me ver, com cara de menino, eu que enfrentei uma fila enorme até chegar diante dela, ali, na luz difusa de seu quarto (ela podia ser minha avó), foi tomada de súbita devoção e ordenou:

— Primeiro, menino, você ajoelha e reza uma ave-maria.

Obedeci. Depois, ela me puxou para a cama que gemia uma estranha canção e beijou meu rosto com seus lábios ásperos, que pareciam ter calos adquiridos no longo exercício da profissão; ainda deitado na cama da cela, esqueci Alição e torci inutilmente para um mosquito que, após tentar voar para a liberdade, caiu nas teias da aranha; então, percorri o corpo de pele muito branca

de Maria Teresa, a quem, na verdade, não amei, apenas a via trocar de roupa pela veneziana da janela da casa de Tia Çãozinha e Tia Ciana, em Santana dos Ferros. Quando o Camarada Dimas Perrin iniciou o debate sobre *Dois passos para frente, um para trás*, eu recordava Neli, paixão dos anos de infância em cujas pernas eu aplicava injeção de água, em Araxá.

Já no terceiro dia de prisão comecei a pensar:

— E se quando eu sair daqui souber que meu pai morreu de desgosto?

No quinto dia, fui libertado.

Meu pai tinha pavor do comunismo e era americanófilo; mas não morreu ao saber que o filho estava preso como comunista, morreu algum tempo depois, não de desgosto, mas de enfarte. No conto *O rio é um deus castanho* fiz um relato inspirado em sua agonia — e ainda que transgredindo as boas normas literárias, vou publicá-lo a seguir:

1

Meu pai está morrendo dentro do quarto.

2

O quarto é escuro e meu pai está morrendo lá.

3

Aqui na sala estamos aguardando que meu pai morra.

4

Disse o médico que meu pai ia morrer antes das 8 da noite, mas já passa das 10 da noite.

5

No quarto onde meu pai está morrendo deitado numa cama, minha mãe é um vulto branco na cabeceira.

6

Às vezes meu pai grita.

7

Quando meu pai grita a vizinha do lado, que, quando passa deixa um rastro de alegria na rua e que está sentada no sofá aqui na sala, fica olhando para mim e eu sinto vontade de cantar, mas cantar é a última coisa em que eu devo pensar agora.

8

Ela é morena, falsa magra, talvez tenha vinte anos ou quando muito 23, seus olhos são de cor cinza e eu quero olhar para ela, mas olho para o chão.

9

Ela está sentada no sofá logo na minha frente e se meu pai não estivesse morrendo, eu podia olhar suas pernas.

10

Podia olhar seus joelhos quando ela cruza as pernas.

11

Podia olhar um pedaço das coxas.

12

Podia olhar seus ombros nus e morenos.

13

E sua boca, que tanta sede me dá, eu também podia olhar se meu pai não estivesse morrendo.

14

Mesmo assim olho para ela — disfarçadamente eu olho.

15

Ela acende um cigarro e eu gosto do jeito dela segurá-lo e de como engole a fumaça e depois a solta pelo nariz e pela

boca, ah eu quero beijar sua boca, mas escuto um gemido e me lembro que meu pai está morrendo.

16

Então ela me olha com seus olhos cinza e eu fico querendo cantar.

17

Tento pensar em meu pai.

18

Nunca, em toda minha vida, nem quando eu era criança, meu pai me abraçou, me beijou ou passou as mãos nos meus cabelos.

19

Não me lembro de vê-lo rir alguma vez.

20

Lá no sofá, a vizinha cruza as pernas — ela não devia fazer isso.

21

Eu podia dizer a ela que meu pai sempre foi um homem triste. Acho que ela ia entender perfeitamente.

22

Minha mãe sai do quarto onde meu pai está morrendo, para na minha frente e diz que ele está me chamando.

23

Todos na sala olham para mim e a vizinha me olha com seus olhos cinza e eu quero cantar, sim, eu quero cantar, e entro no quarto onde meu pai está morrendo.

24

Eu me ajoelho na cabeceira da cama e a mão de meu pai começa a tatear meu rosto no escuro do quarto, como

mão de cego. Como se seus dedos quisessem recordar para todo o sempre como é meu nariz, minha boca, minha testa. E meu pai fala:

— Meu filhinho!

25

Nunca meu pai me chamou assim, e agora que está morrendo ele repete:

— Filhinho.

26

Meu pai segura minha mão e pergunta se eu me lembro de quando caçávamos patos selvagens. Respondo que sim e meu pai ri e diz:

— A gente era feliz, não era?

Digo que sim e outra vez meu pai ri, ele está morrendo, e ri.

27

Deixo meu pai morrendo dentro do quarto e volto à sala e lá está ela, a vizinha, sentada no sofá como a magra bandeira da alegria; mas não é hora de ser alegre, e eu subo a escada que leva à parte de cima da casa, deito na cama, com a cabeça enfiada no travesseiro, e fico pensando em meu pai.

28

Escuto passos subindo a escada e imagino que alguém vem dizer que meu pai acaba de morrer.

29

Tiro a cabeça do travesseiro e olho: é a vizinha que vem chegando. Quero cantar, mas isso eu não passo e nem devo fazer.

30

Ela senta na cama e eu beijo sua boca de lábios ressecados.

31

Ela levanta-se, fecha a porta do quarto onde estamos e volta, e eu a abraço e beijo.

32

Eu a comparava aos anjos quando a via passar de manhã, mas agora que meu pai está morrendo e eu a tenho nos braços, suspeito que ela seja o demônio que veio me tentar.

33

Nus no quarto, eu e ela nos amamos.

34

O vento sopra uma aragem em nossos corpos nus e suados. Eu sinto na boca o gosto salgado da pele dela e digo que gosto do sal de sua pele. E ela diz: "O sal está na rosa silvestre". Pergunta: "Conhece T. S. Eliot?" Eu digo que não. E ela declama:

"Não sei muito acerca dos deuses.
mas creio que o rio é um deus castanho..."

35

Ela está abraçada comigo: sinto que ela é mesmo alguma coisa minha: minha mão, minha perna, minha boca, minha costela. E uma canção começa a cantar dentro de mim como uma festa, mas eu sei que não é hora de festa, afinal de contas meu pai está morrendo dentro do quarto.

0

A BEM DA VERDADE

É hora de esclarecer que, ao contrário do que diz o conto que vocês acabaram de ler, logo que deixei o quarto de meu pai,

não subi uma escada, desci; e fiquei esperando ouvir os pés de gata da vizinha de olhos cinza descendo a escada; dias depois eu iria fazer uma descoberta a respeito dela, que talvez conte, se tiver oportunidade; esclareço ainda: é bem provável que se fosse hoje meu pai não morresse; hoje não ficaria em casa esperando o segundo ataque do enfarte, como ficou; mas o Dr. Renato Pena, o cardiologista que o atendeu, era um homem fatalista, tinha perdido um irmão com uma doença coronária e disse a mim, que era o filho mais velho:

— Se vier o segundo enfarte, adeus.

A família toda foi chegando à casa da Rua Ceará, vinda de Santana dos Ferros, interior de Minas; vieram tios, tias, primos, primas — e o acontecimento mais aguardado, pelo que diziam Tia Çãozinha e Tia Ciana (com as quais fui, de certa forma, criado), era o momento em que meu pai iria me chamar no quarto onde estava morrendo para fazer um apelo dramático:

— Meu filho: prometa, na hora da minha morte, que você vai tirar essas ideias de comunismo da cabeça.

Eu mesmo temia que meu pai fosse fazer esse pedido. Uma noite, eu tomava uma sopa na copa da casa da Rua Ceará quando minha mãe aproximou-se e disse:

— Seu pai acordou sentindo uma dor muito forte no peito. Ele não sabe se é um sonho ou se é uma dor.

Não era sonho; era a dor e eu fui chamar o Dr. Renato Pena, que morava na casa vizinha à nossa. Ele anunciou: era o segundo e tão temido enfarte. Agora não havia mais nada a fazer. Teve início na família (tios, tias, primos, irmãos, parentes, amigos) a contagem regressiva para a chegada do momento em que meu pai, pouco antes de morrer, iria me chamar no quarto e pedir para eu deixar de vez o comunismo. Quando minha mãe saiu do quarto onde meu pai morria e disse “Meu filho, seu pai quer te ver antes de morrer”, todos olharam para mim e Tia Çãozinha e Tia Ciana deram tapinhas no meu ombro, sussurrando: “Coragem!”; mas na hora eu só

vi o teu olhar cor cinza, vizinha do lado — e de pernas bambas, caminhei para o quarto onde meu pai morria. Quando saí de lá fui cercado por todos, que perguntavam:

— O que seu pai te pediu? O que ele te pediu?

Eu ainda abraçava e beijava a vizinha quando meu pai apertou a mão de minha mãe e disse: “Muitas felicidades”. E morreu.

0

MEU TIPO INESQUECÍVEL

(Devo agora, antes de começar a narrar o que na verdade é o objetivo principal deste relato, abrir um parêntese de todo indispensável: imagino que, nesse ponto, Tia Ciana deve ter fechado este livro e iniciado uma novena para o Menino Jesus de Praga salvar a alma deste seu sobrinho pecador; mas espero que Tia Çãozinha e vocês sigam lendo: mesmo porque, depois do enterro de meu pai no Cemitério do Bonfim, houve uma reunião na casa da Rua Ceará, sem que eu, meus irmãos e primos soubéssemos — nem minha mãe soube; uma reunião de tios e tias, convocada por Tio Asdrúbal, que fez uma proposta: deviam procurar minha mãe e convencê-la a deserdar o filho comunista. Na hora, Tia Ciana teve um desmaio (houve a suspeita de que o simulou), a reunião foi suspensa e quando recomeçou e Tio Asdrúbal repetiu sua proposta, outro tio meu disse de peito estufado:

— Vocês podem fazer o que estão querendo. Podem pedir para deserdar o comunista, como vocês dizem, mas antes — e aqui ele bateu no peito — vocês têm que passar por cima do meu cadáver!

Acaso meu Tio José Viana, que falou assim, era um esquerdista? Não. Era um democrata liberal? Não. De sua

biografia constava: na época da Segunda Guerra apoiava Hitler, cuja fotografia trazia na carteira junto da foto da namorada, minha Tia Lúcia; era um camisa-verde, isto é, militava no Partido Integralista de Plínio Salgado, a quem tinha na conta de Deus; fazia anauês e tinha um inimigo na vida: o comunismo; no entanto, se um dia, como ainda espero que aconteça, a *Seleções do Reader's Digest* pedir a este escreva um artigo para “Meu tipo inesquecível”, o personagem que vou escolher é o meu Tio José Viana porque, mesmo sendo um nazista confesso, na prática ele foi, não há dúvida, o maior democrata que conheci. Nas minhas férias, quando meu pai ainda era vivo, eu ia passear na fazenda de Tia Lúcia e de meu Tio José Viana. Quando eu apeava de seu melhor cavalo — o Chimarrão, que pertenceu a meu pai — e entrava na casa da fazenda, depois dos cumprimentos ele passava a minhas mãos um pacote com recorte de jornais e revistas simpáticos ao comunismo:

— Agora você lê para podermos discutir — dizia. — É para você ter argumentos e aguentar a discussão comigo.

De dia lia os recortes com avidez; de noite, como eu andava com medo de morrer, ficávamos discutindo, em meio aos berros das vacas, até de madrugada; isso, quando não íamos escutar as histórias do Seu Quim, um grande contador de casos que, fumando o cigarro de palha que fazia lentamente, ia contando e envolvendo a gente; suas histórias iam e vinham, não seguiam uma linha reta — e assim o Seu Quim nos seduzia. Agora que me proponho a contar o que realmente aconteceu naqueles anos, recorro à estratégia narrativa de Seu Quim. Se vocês lerem até o fim, e se sentirem agarrados e seduzidos, se tiverem prazer de ler, devem creditar tudo a ele. A ele que rompia com a noção do tempo tradicional e sempre deixava um mistério no ar.

A última notícia que tive de Seu Quim dava-o como mendigo profissional em São Paulo; fazia ponto na Avenida Paulista e era tão bem-sucedido que, todo ano, tirava férias e

voltava à fazenda de meu Tio José Viana, levando presentes para todos. Fecho o parêntese).

I

OS TRÊS MOSQUETEIROS

Na verdade este relato começa aqui, de maneira que os leitores são livres para fazer com as páginas anteriores o que bem quiserem; podem considerá-las ou não como parte deste livro e podem rasgá-las, destruí-las; dito isso, informo que certa manhã na casa da Rua Ceará, de que já falei, recebi um telegrama urgente de Tia Çãozinha; dizia:

“É verdade o boato que corre aqui?”

Respondi no mesmo tom:

“Boato que corre aí não corre aqui”.

Antes de levantar algumas hipóteses de boatos que poderiam estar tirando o sono de Tia Çãozinha, é oportuno fazer um breve retrato dela; dela e de Tia Ciana, ambas irmãs de meu pai, as únicas que ficaram para tias, muito parecidas e ao mesmo tempo totalmente diferentes; a diferenciá-las, antes de tudo — as duas sendo católicas praticantes — o santo de fé. Tia Çãozinha era devota de Santo Antônio que, se não a fez casar com o homem que amava, tornou-a noiva eterna: há uns bons trinta anos Tia Çãozinha era noiva, um noivado que aos poucos foi se confundindo com as principais dores reumáticas, com a artrite no joelho esquerdo, com as tosses e os pigarros ao anoitecer — e com uma alegria que era como a brisa dos anos jovens: debruçar na janela (Tia Çãozinha tinha calos nos cotovelos) e ver surgir lá ao

longe, na rua do lado de cá de Santana dos Ferros, o cabelo incrivelmente preto, como quando começaram a namorar, o noivo eterno que nós, os sobrinhos de Tia Çãozinha, chamávamos de Tio Pedro.

Já Tia Ciana, e não nego suas razões, rompeu relações com Santo Antônio quando perdeu o príncipe encantado logo para a prima que mais detestava; entregou-se toda, nas orações, nas novenas, nas promessas e oferendas, ao Menino Jesus de Praga. Falei ainda agora na rua do lado de cá de Santana dos Ferros — pois é: são apenas duas ruas que se enroscam como duas imensas, preguiçosas e tortuosas cobras nas margens do Rio Santo Antônio, um rio — previnam-se — traiçoeiro; uma ponte negra de madeira, que lembrava um trem de ferro atravessando o rio, ligava os dois lados. Hoje, é verdade, existe uma ponte de cimento que, se não tem a mesma poesia de sua antecessora, tem um dado importante: foi construída por meu pai, engenheiro dedicado a abrir estradas. Tia Çãozinha tem o costume de, toda primeira sexta-feira do mês, debruçar-se no parapeito da ponte e atirar flores como oferenda a Santo Antônio na água do rio que leva seu nome; e imaginem o que faz Tia Ciana: ali naquela mesma ponte, cospe nas águas de um claro esverdeado — isso quando as enchentes não as tornam barrentas — e resmunga entre os dentes, não para o rio, mas para o santo:

— Seu traidor de uma figa!

Receio que o que deveria ser uma leve e rápida pincelada — este perfil de minhas queridas tias — esteja alongando-se mais do que devia; apresso-me então em dizer, resumindo onde posso, que Tia Çãozinha e Tia Ciana — que moram numa casa tida como mal-assombrada — estão divididas não apenas no que diz respeito a Santo Antônio e ao Menino Jesus de Praga; também as dividiu o plebiscito, orientado pelo Padre Geraldo Cantalice, o novo vigário, para saber se deviam derrubar a velha matriz para erguer uma nova de ousadas linhas modernas. Santana dos Ferros dividiu-se então entre colorados e celestes

— os colorados (caso de Tia Çãozinha) adeptos da igreja moderna, os celestes (caso de Tia Ciana) defensores da igreja antiga. Tia Çãozinha usava um lenço vermelho no pescoço e cantou vitória — a velha igreja foi derrubada e uma nova, moderna, no feitio da igreja de Niemeyer na Pampulha, foi erguida, e aguardem: está para ser inaugurada.

Tia Çãozinha e Tia Ciana vivem em guerra fria: só fazem as pazes à noite, quando Tio Pedro vai embora deixando-as a sós e o medo dos fantasmas as une; a elas e a Joli, o intrépido cãozinho de estimação de Tia Ciana, ao qual minhas tias não conseguiram transmitir o medo de fantasmas; a referência a Joli deve ser acrescida de uma confissão: entre os grandes amigos que tive figura Joli; quando eu morava no casarão mal-assombrado de Tia Çãozinha e Tia Ciana e fui abandonado pela bela B. que não resistiu às pressões paternas (como certamente ainda vou contar), o que seria de mim sem a solidariedade de Joli? Uma madrugada, julguei ouvir a voz de Joli falar, com forte sotaque canino:

— Você tem que reagir, companheiro.

Tive então a certeza de que estava ficando louco e voltei a Belo Horizonte. Mas estou perdendo o fio da narrativa. O que eu deveria contar agora? Volto ao telegrama de Tia Çãozinha, do início deste capítulo — quando o li, pensei:

— Deve ser um boato envolvendo Os Três Mosqueteiros.

Os Três Mosqueteiros desta narrativa somos nós: Malthus, também conhecido como Santo; Aramel, o Belo; e eu; passamos a ser chamados de Os Três Mosqueteiros porque éramos os três únicos da quarta série ginásial na primeira turma de formandos do Ginásio Santanense; quando viemos fazer o científico em Belo Horizonte, lá se iam alguns anos (pois só bombas tomei quatro), ganhamos bota-fora com banda de música, lacrimoso discurso de despedida do Prof. Benedito e as bênçãos do Padre Nelson, o vigário; tudo isso nos pôs nos ombros uma enorme responsabilidade — talvez, daí, sonharmos tão alto: Malthus queria ser santo, orgulhava-se de ser casto e de jamais haver

se masturbado, o que o dispensava do medo de ver nascer um fio de cabelo na palma da mão e da fila das confissões, pois comungava sem se confessar; Aramel, o Belo, o homem mais bonito que alguma vez existiu, queria ser galã em Hollywood e, já em Santana dos Ferros, aprendeu a falar inglês; e eu, bem, eu queria ser escritor, mas como a profissão não era bem-vista na família e no meio eu fingia que queria ser médico.

No dia em que o telegrama de Tia Çãozinha chegou, anos depois de nossa vinda para Belo Horizonte, o projeto de santidade de Malthus seguia a passos largos; daqui a pouco, por sinal, ele vai aparecer nesta narrativa e vocês o verão usando o hábito branco de frade dominicano. É Frei Malthus. Ora, como ainda não havia boatos colocando em jogo a santidade de Frei Malthus, o telegrama de Tia Çãozinha só poderia ter como suspeitos Aramel, o Belo, e este escriba; nós dois, como se verá, éramos bons alvos para boatos. Já Frei Malthus nos próximos dias seria notícia em todos os jornais, mas agora eu fico pensando (e não é para acender a chama da curiosidade de Tia Çãozinha por este relato): a santidade de Frei Malthus iria correr sério risco ao sofrer o primeiro desafio — um belo, um lindo, um inesquecível desafio.

Mas isso fica mais para a frente.

2

AO SOM DE FRANK SINATRA

Talvez, já que Frei Malthus mantinha intacta até então a santidade que tanto defendia, entre Os Três Mosqueteiros o objeto dos boatos fosse mesmo Aramel, o Belo, pelo estranho tipo de atividade — muito bem remunerada — que exercia. Diga-se antes que o pai de Aramel, o Belo, dilapidou no Cassino da

Pampulha, quando o filho ainda era criança, a fortuna deixada pelo sogro; desde então tornou-se “marido de professora”; e usando um robe de chambre indiano, única recordação dos anos ricos, punha Frank Sinatra para cantar na radiola e decretou, mais com a autoridade que a suspeita de um enfisema pulmonar conferia, do que com a autoridade paterna e de chefe de família:

— Aqui nesta santa e abençoada casa, enquanto Frank Sinatra estiver cantando, não entra notícia ruim.

Como Frank Sinatra cantava de manhã à noite, as doenças e as mortes na família, as catástrofes, as guerras e até mesmo o tiro que Getúlio Vargas deu no peito não penetravam naquela casa; é fácil adivinhar que Aramel, o Belo, detestava Frank Sinatra tanto quanto detestava o pai:

— Eu não sei o que a Ava Gardner viu nesse nanico — dizia nos momentos de fúria. — E Bing Crosby é muito melhor cantor do que ele.

Tia Çãozinha, que, disso tenho certeza, está lendo este relato, dirá neste ponto com malcontida impaciência:

— Para de bancar o Hitchcock: conta logo o que Aramel, o Belo, está fazendo!

3

JÁ QUE NÃO NACIONALIZEI A ESSO

Ao ler o telegrama de Tia Çãozinha fui tomado pela seguinte suspeita:

— E se ela ficou sabendo que nacionalizarei meu nome?

Meu nome de batismo, tal como dizia minha ficha no Dops, é Robert Francis Drummond; nunca gostei de meu nome; para começar, logo que cheguei a Belo Horizonte fazia grande sucesso nos cinemas um mulo que falava; e sabem como se

chamava? Era Francis, o mulo que falava, e essa coincidência custava-me terríveis e repetitivos aborrecimentos quando os professores do Colégio Santo Antônio faziam a chamada:

— Robert Francis Drummond.

— Presente — eu respondia, em meio à onda de gargalhadas.

No ano seguinte, quando troquei o Santo Antônio pelo Arnaldo, que também era um colégio de padres, não tão liberais quanto os franciscanos, eu sofria com o mesmo problema: ter que aturar as gargalhadas quando os professores chamavam meu nome; eu pensava:

— Tenho que encontrar uma maneira de me livrar deste “Francis” no meu nome.

Era, por sinal, o apelido de meu pai — nascido Francisco de Alvarenga Drummond — que ele incorporou ao sobrenome dos três filhos homens. Quando fui estudar no Arnaldo, deixei o semi-internato do Colégio Santo Antônio, numa casa da Rua Pernambuco, e fui morar numa rua mitológica: a Rua da Bahia, exaltada então num grande sucesso carnavalesco de Rômulo Paes e Gervásio Horta:

“Ê, ê, Maria
ta na hora de ir pra Rua da Bahia...”

Morava em frente à Biblioteca Municipal, ao lado do célebre Grande Hotel, em cuja porta, um dia, trêmulo de emoção, esperei pelo romancista Jorge Amado para pedir seu autógrafa. Foi atravessando a Rua da Bahia toda tarde para ler Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos na Biblioteca Municipal que me tornei simpatizante comunista; mais tarde iria militar no crescente movimento nacionalista, depois da vitoriosa campanha do “petróleo é nosso”; participava de assembleias e manifestações, algumas dissolvidas pela polícia, como era costume, com bombas de gás lacrimogêneo. Tentei nacionalizar a Esso, a Shell, a Bond and Share, a Nestlé, a Philips, etc., etc.; como não consegui, decidi:

— Vou nacionalizar meu próprio nome.

Abrasileirei o Robert para Roberto, eliminei o Francis tão incômodo e quando, enfim, entrei para a Juventude Comunista com tanta insistência que suspeitaram que eu fosse um “agente da reação” querendo se infiltrar, assinava apenas Roberto Drummond; e tinha uma carteirinha de militante com meu nome — trazia a foice e o martelo na capa e as iniciais UJC (União da Juventude Comunista). Os companheiros tinham prevenido:

— Guarde a carteirinha em casa bem guardada. Não ande com ela no bolso em hipótese alguma que o Sarmento te pega. Mas não segui o conselho e por pouco não me dei mal.

4

COMENDO CRIANCINHA ASSADA

Querem saber o que aconteceu? Sigam meus passos: o rapaz magro, de camisa esporte e andar apressado que caminha pela Avenida Paraná nesta noite de sábado sou eu; a Tia Ciana aconselho: pule esta parte e só volte a ler a partir do capítulo 5º; mas a Tia Çãozinha, com sua alma de Candinha, e a vocês, leitores, uma boa surpresa espera, por isso não me percam de vista; se observarem bem, vão notar que fumo um cigarro atrás do outro — é sinal de que consegui algum dinheiro para comprar meu tão amado Continental; não, esta noite não fumo *se-me-dão*, e se ando tão apressado é porque estou indo à caça de mulheres — procuro, nas regiões mais escuras da Avenida Paraná, uma mulher, mas não uma mulher qualquer: esta noite quero uma negra que me faça lembrar Das Dores, a que me iniciou numa tarde de loucuras em Araxá; esta noite quero sentir o cheiro da mãe África, quero sentir o calor afro-brasileiro das coxas negras de Das Dores. Mas

por enquanto — vocês não de ter observado — só encontro louras oxigenadas ou jambetes ao longo da Avenida Paraná. Eis que, na esquina com a Rua Tamoios, perto da sede do todo-poderoso Sindicato dos Bancários, o quartel-general das greves da época, uma mulher negra está parada; me aproximo e ela sorri; tem grandes olhos negros, grossos lábios, lisa é sua pele negra, e eu a abraço e ela diz que mora na Rua Mauá.

A Rua Mauá era muito perigosa; os jornais estavam sempre falando no “conto do suadouro” com que suas mulheres atacavam inocentes fazendeiros vindos do interior de Minas; esquecido disso e de que levava no bolso da calça minha carteirinha de membro da Juventude Comunista, entrei no loteamento ao lado de minha caça e descemos na Rua Mauá; vejamos: entramos numa casa de luz vermelha — e eu a amei como se amasse Das Dores, nos idos de Araxá. Na hora de receber, ela achou pouco o que eu oferecia — já vestida, sacou uma navalha, ficou de costas para a porta do quarto de forma que eu não pudesse sair e ordenou:

— Passa a grana pra cá.

— É tudo que eu tenho — eu disse.

— Me dá tudo — e ela pegou o que eu tinha no bolso e encontrou a carteirinha de membro da Juventude Comunista.

— Ah — ela disse depois de soletrar. — Fica bonzinho e passa toda a grana pra cá ou eu te entrego pros tiras.

Propus um acordo: ela ficava com minha carteira de membro da Juventude Comunista como refém e eu ia em casa buscar mais dinheiro ou um objeto valioso. Concordou. Só consegui trazer a caneta Parker 51 que tinha herdado de meu pai. A cena se repetiu: entrei no quarto, ela ficou com a navalha na mão, encostada na porta, e olhou a caneta que eu exibia.

— A tampa é de ouro puro — menti.

Sem se afastar da porta do quarto e ao mesmo tempo em que segurava a navalha, examinou a caneta, viu gravado o nome “Francis”, de meu pai, pegou a caneta e guardou junto aos ondulantes seios negros; então, só então, devolveu a carteirinha de

membro da Juventude Comunista e ainda segurando a navalha e barrando meus passos junto à porta fechada perguntou:

— O amizade é mesmo comunista?

— Sou — respondi.

— E come criancinha assada?

— Como — respondi.

— A carne é gostosa?

— Muito gostosa.

— Parece carne de quê?

— Carne de gente mesmo.

— E a carne de gente é gostosa?

— É a carne mais saborosa que existe — completei.

Por um momento, com a navalha na mão, ela fixou em mim seus grandes olhos negros: parecia considerar a possibilidade de, naquela nervosa noite de sábado, experimentar o sabor da carne humana; mas seus propósitos antropofágicos cederam à necessidade de atender outro cliente — e ela abriu a porta e deixou que eu fosse embora.

5

GANHANDO MEU PÃO,
ALIÁS, MEU CIGARRO

Imagino a impaciência com que Tia Çãozinha deve estar dizendo:

— Se um santo, no caso Frei Malthus, terá a sua santidade ameaçada por “um belo e lindo desafio”, como foi dito, é a respeito disso que quero ler a seguir.

Eu poderia aconselhar a Tia Çãozinha e aos leitores igualmente curiosos e apressados: pulem as páginas e vejam as tentações que o bom e ainda santo Frei Malthus vai sofrer;

mas para falar a respeito — deixo Aramel, o Belo, para mais adiante, para a hora realmente oportuna — tenho antes que dizer que uma greve estudantil e meu sobrenome Drummond conseguiram para mim um lugar como foca na *Folha de Minas*. Eu era do comando de greve e como os jornais da época em Belo Horizonte eram muito conservadores, reacionários mesmo, como dizíamos, e não mandavam cobrir as greves, íamos de redação em redação levando as notícias.

A *Folha de Minas* ficava na Rua Curitiba em frente ao cine Art Palácio, famoso por seus festivais como a retrospectiva sobre o neorealismo, quando fiquei deslumbrado com o *Milagre em Milão*, de De Sica e Zavattini, e dormi durante a sessão das 10 em que foi exibido *Umberto D* e sabotei a exibição de *Roma*, cidade aberta porque nunca perdoei Roberto Rossellini pelo que aconteceu com Ingrid Bergman.

Para chegar à redação da *Folha de Minas* era preciso subir uma escada em que só cabiam dois homens magros, mas, como ainda vou contar, mal cabia um homem gordo; quando a subi pela primeira vez, junto de quatro companheiros do comitê da greve dos estudantes, não poderia imaginar que voltaria a subir aqueles degraus cheirando a mofo, voltaria a passar pelo preto velho que cochilava sentado numa cadeira, e trabalhar ali. O preto velho era o porteiro e quando subimos a escada no primeiro dia da greve geral dos estudantes, acordou assustado e nos olhou como quem não acreditava: afinal, não era comum tanta gente subir aquela escada, a *Folha de Minas* pertencia ao governo do Estado e era um jornal que agonizava, vivia em estado de penúria, atrasava o pagamento da redação — e do preto velho da portaria — durante seis meses.

Ao nos ver, já no território deserto da redação onde velhas máquinas Remington pareciam abandonadas, um repórter agitado que eu conhecia das fotografias em que aparecia ao lado de seus entrevistados na *Folha de Minas*, como era costume na época, veio alegremente a nosso encontro; usava paletó xadrez, camisa esporte marrom com o colarinho abotoado, mas sem

gravata, calça preta; seu cabelo era preto e curto, e quando soube o que nos trazia ali, na redação vazia, abriu os braços em festa.

— Viva! — gritou. — Temos uma greve!

Puxou uma cadeira, pegou uma lauda de papel, tirou a caneta do bolso, olhou para nós e perguntou:

— Como vocês se chamam?

Quando eu disse meu nome, ele falou:

— Eu sou Felipe Hanriot Drummond. Você é Drummond de onde?

— De Santana dos Ferros — respondi.

— É dos Drummond de Itabira?

— Sou.

— Então você é meu primo. Quer trabalhar aqui na *Folha*? Estamos precisando de um repórter para cobrir os acontecimentos estudantis.

Na tarde do dia seguinte, quase sem acreditar, subi aquela mesma escada para entregar a coluna “Vida estudantil”, que passava a ser publicada diariamente, mas pela qual nada recebia. Trabalhei de graça quatro meses e, então, tendo Felipe Hanriot Drummond como padrinho, fui contratado como repórter pela *Folha de Minas*. O salário atrasava seis meses e eu pedia dinheiro emprestado, que nunca paguei, à minha mãe e, assim, pela primeira vez na vida, se não ganhei meu pão, como Gorki, pude comprar os dois maços de Continental que fumava por dia, ainda que não dispensasse o *se-me-dão*.

6

UM FLASH SOBRE O SANTO

Como aperitivo para os fatos picantes, e mais do que picantes, emocionantes, que estão por vir, um flash sobre o nosso candidato a Santo — naqueles dias, Frei Malthus estava muito

atarefado no Convento dos Dominicanos. Ensaiaava o coral Os Meninos Cantores de Deus, velha e querida ideia ainda dos idos de Santana dos Ferros, cuja estreia, como veremos, tomou um rumo surpreendente; era o idealizador, fundador, diretor, maestro, e seu sonho era de que todos que ouvissem o coral cantar — daí o trabalho exaustivo que tinha — passassem a acreditar na existência de Deus.

— Seus dias de ateu estão contados — disse na tarde em que me convocou ao Convento dos Dominicanos, preocupado com o tipo de atividades de Aramel, o Belo. Quando você ouvir Os Meninos Cantores de Deus, como o filho pródigo, voltará à casa de Deus.

Se Frei Malthus não tinha dúvidas e crises? — perguntará Tia Çãozinha; tinha e não eram poucas, mas as resolvia degustando a geleia de jabuticaba feita por Dona Nhanhá, sua mãe, exímia doceira, cozinheira e banqueteira; dessa maneira, quando a guerra entre os dois Malthus, o Santo e o pecador, parecia anunciar a vitória do pecador e devasso — ao contrário de outros dominicanos que se autoflagelavam chicoteando o próprio corpo, Frei Malthus punha duas ou três colheres de geleia de jabuticaba na boca e o Santo vencia.

Preocupava-o, sim, e muito, uma circunstância: era um Santo que ainda não tinha feito sequer um milagre — apenas derrotava as tentações da carne; mas vamos deixar Frei Malthus com sua preocupação, que reaparecerá mais adiante, e acompanhar o jovem foca que eu era — é a partir daí que vocês conhecerão Hilda Furacão.

7

A CIDADE DAS CAMÉLIAS

Nos meus primeiros dias como repórter da *Folha de Minas* eu saía a pé para fazer as coberturas — pois o jornal não tinha

carro — na companhia de Felipe Drummond; era uma espécie de beabá prático de jornalismo, num tempo em que não havia curso de comunicação e eu aprendia a entrevistar, a apurar os fatos, a cobrir os acontecimentos. As primeiras lições foram sobre o aumento do leite, a ameaça da falta d'água, uma ou outra greve — e eu sonhava cobrir uma guerra ou uma guerrilha, tal como um de meus heróis de então, Ernest Hemingway.

Bom, não aconteceu guerra nem guerrilha, mas surgiu um tema apaixonante e eu tinha a ilusão de que estava num front: a ideia de criar a Cidade das Camélias em Belo Horizonte; os jornais abriam generosos espaços para um assunto que foi apaixonando, dividindo, roubando nosso sono: a ideia era tirar a Zona Boêmia do coração de Belo Horizonte, ali, onde a Rua Guaicurus era o centro das atenções, e levar prostitutas, hotéis, pensões, bares e até mesmo o mitológico Montanhês Dancing e o não menos mitológico Maravilhoso Hotel (o templo erótico onde Hilda Furacão enfeitava os homens) para a Cidade das Camélias, que seria construída longe, na periferia. A *Folha de Minas* dava duas páginas diárias, e eu dividia a cobertura com Felipe Drummond e só ia em casa dormir, almoçava e jantava um *caol* no Café Palhares, que não ficava longe da *Folha* nem da Zona Boêmia; tão empolgado, que costumava passar as noites conversando no Montanhês Dancing, Felipe Drummond dizia:

— Estamos dando um banho e fazendo a melhor cobertura sobre a Cidade das Camélias.

Fazíamos enquetes de rua, as primeiras e ainda rudimentares pesquisas eram realizadas — mostravam que 85% da população de Belo Horizonte eram favoráveis à criação da Cidade das Camélias; e uma maquete da futura Cidade das Camélias, lembrando uma cidade liliputiana, podia ser vista durante o dia na Esquina dos Aflitos diante do Café Pérola, na Praça Sete, onde quem quisesse podia assinar o grande manifesto que seria entregue à Câmara Municipal pedindo a aprovação do projeto. Certos pontos eram nebulosos, por exemplo: quem, afinal,

estava por trás da criação da Cidade das Camélias? O vereador comunista Orlando Bomfim Junior denunciou:

— A Cidade das Camélias não passa de uma brutal e cruel especulação imobiliária.

E prometeu dar o nome de quem estava por trás de tudo enquanto o líder da bancada do PDC, o Padre Cyr Assumpção, autor do projeto, aparteava:

— Estamos diante da vontade expressa de Deus. E em matéria de Deus Vossa Excelência não é um expert.

A Liga de Defesa da Moral e dos Bons Costumes, presidida por Dona Loló Ventura, viúva cinquentona e gorda que pintava os cabelos de azul-claro, liderava a campanha a favor da Cidade das Camélias. Todos opinavam; todos, menos a parte mais interessada: as prostitutas.

Por aqueles dias, a Zona Boêmia vivia uma fase de esplendor, lembrava os tempos mitológicos do Cabaré de Madame Olímpia, os hotéis de mulheres, pobres e ricos, apinhados de homens entrando e saindo, o Montanhês Dancing entupido, ah, e estavam de volta os coronéis do interior que tinham batido asas desde o fechamento dos cassinos e o fim da febre do gado zebu; eram eles que faziam a fortuna do Montanhês Dancing, novamente fumavam charutos feitos com notas de mil, dançavam a noite toda consumindo dez cartões de furar. O folclore da Zona Boêmia corria por conta de Maria Tomba Homem e do travesti Cintura Fina; enorme, quase um metro e noventa de altura, mulata, grossos e sensuais lábios, Maria Tomba Homem virava homem quando alguém cantava ou solfejava o refrão de um incômodo sucesso musical gravado por Emilinha Borba e por Luiz Gonzaga:

“Paraíba, masculina
muié macho, sim sinhô...”

Para prender Maria Tomba Homem nas noites de lua, quando dava nela uma tristeza de cão, eram necessárias de

quatro a cinco radiopatrulhas; ela fazia ponto na Rua Guaicurus, nas vizinhanças do Montanhês Dancing, e durante o dia, coitada, quando a Zona Boêmia transformava-se em região comercial, descarregava sacos de café de caminhões, trabalho de estivador, para garantir o *caol* no Café Palhares porque, apesar de seus olhos sensuais, os homens a temiam e ai de Maria Tomba Homem se, ultimamente, não se sabe quem (diziam que Hilda Furacão) pagasse o aluguel do quarto de fundos, vizinho do Arrudas, onde vivia. Maria Tomba Homem e o travesti Cintura Fina disputavam o território da Rua Guaicurus, entre as divisas das Ruas São Paulo e Curitiba, ali, onde ficava o Montanhês Dancing e, ao lado dele, o célebre Maravilhoso Hotel.

Grandes, chorosos olhos castanhos, cicatrizes feitas por golpes de navalha no rosto, um sotaque cantado, lembrança do Recife, de onde veio, um outro baião de Luiz Gonzaga era o hino do travesti Cintura Fina:

“Vem cá cintura fina
cintura de pilão
cintura de menina
vem cá meu coração...”

Para evitar as brigas entre Maria Tomba Homem e Cintura Fina, uma radiopatrulha ficava parada nas imediações do Montanhês Dancing; uma noite presenciei uma cena inesquecível: vi os guardas-civis tentarem separar uma briga entre Maria Tomba Homem e o travesti Cintura Fina, fazendo explodir as bombas de gás lacrimogêneo usadas para dissolver as passeatas estudantis da época, que tanto agitavam a Praça Sete; nessa noite, no entanto, Maria Tomba Homem uivava tristezas e Cintura Fina provocou-a, cantando:

“Paraíba, masculina
muié macho, sim sinhô.”

Foram inúteis as bombas de gás lacrimogêneo: Cintura Fina, com sua navalha voadora presa a um barbante, Maria Tomba Homem com as flechas de bambu que usava — ele e ela já sangrando, lágrimas nos olhos por causa do gás lacrimogêneo, os guardas-civis pedindo a ajuda de novas radiopatrulhas, os dois iam se matar aos poucos. Foi então que Hilda Furacão apareceu; não, não a descreverei agora, isso virá a seu tempo, como a brisa de abril; por enquanto, direi que era acompanhada por um séquito de coronéis do interior que estavam na fila esperando sua hora de sonhos; colocando-se entre Maria Tomba Homem e Cintura Fina, alvo para as navalhadas e as flechadas, só com sua presença mágica parou a briga; ela dizia, a voz rouca provocando arrepios:

— Meninas, aqui tem lugar para todas. Maria do Socorro (ela nunca a chamava de Maria Tomba Homem) me dá o arco e as flechas (e foi docemente atendida). Cintura Fina, agora me entrega a navalha voadora (no que também foi docemente atendida). E agora me acompanhem até meu quarto que eu vou fazer um curativo nocês.

Sim, falou “nocês”, mas com muito encanto — e na hora chorava por causa do gás lacrimogêneo ou da emoção que tornava sua voz rouca, herança de sua mãe italiana.

8

GO HOME, HILDA FURACÃO

Todas as noites, menos às segundas-feiras, quando tomava destino ignorado, como diziam, uma fila começava na Rua Guaicurus, subia as escadas do Maravilhoso Hotel, chegava ao terceiro andar, espremia-se pelo corredor e parava na porta do mitológico quarto 304, o dos fundos, gêmeos com o quarto

303; era lá que Hilda Furacão fazia a loucura dos homens. Já no corredor sentia-se o cheiro adocicado do perfume preferido por Hilda Furacão: o Muguet du Bonheur. Foi criada a Noite dos Coronéis às sextas-feiras, reservada só para eles, que vinham do interior com seus charutos feitos de notas de mil, e foi tanto o sucesso que uma segunda Noite dos Coronéis, aos sábados, também foi lançada.

As mulheres de Belo Horizonte, as mães de família, as esposas, as noivas, as namoradas odiavam Hilda Furacão, mas os homens, ah, os homens a amavam, ela os fazia subir pelas paredes e conhecer o paraíso; daí, e a concorrência desleal dos coronéis fazia a cotação subir, o câmbio de Hilda Furacão ser tão alto.

Se Hilda Furacão era a principal razão de ser da Zona Boêmia, como mito sexual de Belo Horizonte, era também o motivo número um pelo qual as mães de família aderiram à campanha do Padre Cyr e de Dona Loló Ventura a favor da Cidade das Camélias.

Nas marchas a favor da Cidade das Camélias, Dona Loló Ventura e as mal-amadas, como eram conhecidas as militantes do Clube da Lanterna, devotas de Carlos Lacerda (à frente, Dona Lucianara Mendes, os olhos prometendo abismos), carregavam estranhos cartazes que diziam:

“Go home, Hilda Furacão!”

ou:

“Deixe nossos maridos em paz, Hilda Furacão!”

Fica para outra hora, se houver espaço, a publicação do texto “Invocação para exorcizar um demônio que se disfarça de anjo para tentar os inocentes”, lido em todas as igrejas e atribuído, segundo as más línguas, à brilhante pena do jornalista Hermenegildo Chaves, o Monzeca, editorialista do *Estado de Minas* e diretor da *Folha de Minas*; e deixo um aviso, dirigido em especial

a Tia Cãozinha: está sendo organizada a Noite do Exorcismo, durante a qual a Rua Guaicurus e seus templos de pecado serão borrifados com água benta, e foi feita uma promessa: Hilda Furacão será exorcizada para libertar o anjo que ela foi no tempo das missas dançantes do Minas Tênis Clube, quando era conhecida como a Garota do Maiô Dourado, e expulsar de vez o demônio que tomou conta de seu coração.

9

O MISTÉRIO DA
GAROTA DO MAIÔ DOURADO

Mas qual era mesmo o mistério da Garota do Maiô Dourado?

O que a levou a deixar a beira da piscina do Minas Tênis Clube, frequentado pela tradicional família mineira, a célebre TFM, e ir fazer os homens subir pelas paredes na Zona Boêmia de Belo Horizonte?

Ela era uma bela, inesquecível moça; ficava na beira da piscina olímpica do Minas Tênis Clube, onde o futuro escritor Fernando Sabino bateu recordes como campeão de natação; onde mergulhou um jovem que seria o famoso cirurgião plástico Ivo Pitanguy. Dizem que na época ganhou uma ode feita pelo poeta Paulo Mendes Campos e inspirou um conto (ainda que ele negue) de Otto Lara Rezende.

Na verdade, a bela Hilda Gualtieri Von Echveger, mãe italiana, pai alemão, era não apenas a grande atração na beira da piscina olímpica do Minas Tênis, sempre com seu maiô dourado; era a atração também das missas dançantes, contam os que viveram naqueles tempos, atração onde fosse, porque era mesmo a alegria dos homens. Tão bonitas quanto ela, só as irmãs Terezinha e Sônia Vargas. E como solista do coral do

Minas Tênis Clube, quando cantava em alemão a *Ave Maria*, de Schubert, dava nos homens uma vontade de chorar — e tecendo seu mistério ficava uma interrogação no ar, misturada ao perfume Muguet du Bonheur: “O que veio fazer no mundo a Garota do Maiô Dourado?”

Havia, nessa época, a suspeita de que veio por delegação de Deus, mas... e depois?

Depois, no dia 1º de abril de 1959, correu a notícia na qual obviamente ninguém acreditou, todos pensaram que fosse “um 1º de abril”: a Garota do Maiô Dourado havia deixado a beira da piscina do Minas Tênis Clube e as missas dançantes e agora estava no quarto 304 no Maravilhoso Hotel, na Rua Guaicurus, coração da Zona Boêmia de Belo Horizonte. Aos poucos, com o passar dos dias e a ausência da Garota do Maiô Dourado na beira da piscina e nas missas dançantes do Minas, a notícia se confirmou — e ficou em cada um uma pergunta: “por quê?”

Fiz essa mesma pergunta — “por quê?” — a quantos conviveram com a Garota do Maiô Dourado; alguns pontos geraram controvérsias: uns diziam que o pai dela, descendente de um barão alemão, tinha perdido tudo que possuía nas noitadas do jogo do Automóvel Clube, o que outros negavam:

— Ele nunca pôs os pés no Automóvel Clube.

A hipótese de que uma falência do pai tinha causado tudo era de difícil confirmação porque “depois do escândalo”, como diziam (pois foi um escândalo), o pai alemão e a mãe italiana da Garota do Maiô Dourado venderam a casa no tradicional Bairro de Lourdes e “tomaram destino ignorado”; quanto à casa estar sob hipoteca no Banco da Lavoura, eu próprio investiguei e soube: não era verdade. Se não era necessidade financeira, acaso algum desgosto amoroso explicava tudo?

— Oh, não. Esqueça isso. Ela enlouquecia os homens desde os 15 anos, quando o primeiro namorado suicidou-se por sua causa.

Infelizmente, não tive acesso ao estudo psicanalítico em que, recorrendo a Freud, o psiquiatra Hélio Pellegrino (cujo

divã de analista a Garota do Maiô Dourado frequentou ainda em Belo Horizonte) fazia uma análise profunda das razões que a levaram à Zona Boêmia; mais tarde, como se verá, conversei a respeito com Hélio Pellegrino.

De tudo mais que apurei, junto a ex-amigas, ex-namorados e admiradores que, no futuro, eu voltaria a procurar, faço a seguir uma lista:

- Ela era dada a súbitas tristezas — em geral seu riso italiano, que na alegria saiu à mãe, convertia-se em tristeza — e chorava.

- Comungava toda primeira sexta-feira do mês na Igreja de Santo Antônio.

- No carnaval brincava as três noites sozinha em cima de uma mesa, fantasiada quase sempre de havaiana nos bailes do Minas Tênis Clube.

- Certa ocasião, estando três namorados — todos nadadores do Minas Tênis — disputando-a, disse a eles:

— Está muito bem, serei a namorada exclusiva do que conseguir nadar vinte mil metros na piscina olímpica.

- Como nenhum alcançou os vinte mil metros, passou a namorar o mais feio frequentador do Minas Tênis Clube.

- Nas missas dançantes escolhia só os rapazes feios para par, e dizia:

— Eu amo os deserdados do mundo.

10

UM DESAFIO AOS SHERLOQUES

(É necessário, mais uma vez, interromper esta narrativa para dar uma pista: Hilda Furacão ou, como quiserem, a Garota do Maiô Dourado, não é apenas uma personagem complexa

— é, em si mesma, como direi, uma complicada trama; pede sherloques, pede analistas freudianos e não-freudianos para desvendá-la, pede repórteres, e é um desafio; prometo, no decorrer desta narrativa, tentar responder à pergunta:

— Por que a Garota do Maiô Dourado trocou o Minas Tênis Clube pela Zona Boêmia?

Até lá, no entanto, que tal fazermos um jogo, já que este não é propriamente um romance, mas um brinquedo lúdico, tendo Hilda Furacão como centro de tudo? Sem esquecer: o maior entendido na Garota do Maiô Dourado, que sabe tudo a seu respeito, nada nos pode revelar: é seu antigo confessor, o Padre Aguinaldo, da Igreja de Santo Antônio; no momento oportuno vou procurá-lo, podem aguardar.)

11

O JOGO DOS SETE ERROS

Se acontece um crime logo surgem as pistas e as suspeitas, por mais misterioso que seja; no caso de Hilda Furacão, de sua ida para a Zona Boêmia, tenho até aqui suspeitas que quero repartir com os leitores através do jogo dos sete erros, só que com palavras e não com desenhos, nos quais Tia Çãozinha é viciada; darei a seguir sete pistas, falsas e verdadeiras, sobre o mistério Hilda Furacão; numerem de um a sete as que vocês acharem mais plausíveis para esclarecer o mistério de sua ida para a Zona Boêmia:

- Hilda Furacão sofre de um sadomasoquismo doentio e incurável, por isso é que, como falam, “desceu a ladeira” e foi para a Zona Boêmia.
- Ela adora se fazer de vítima e foi para a Rua Guaicurus exclusivamente por uma compulsão que Freud explica.

- No fundo do coração, Hilda Furacão é profundamente religiosa e deu a si mesma a penitência de ser prostituta.

- Ela ficou muito traumatizada quando, aos 15 anos, o primeiro namorado suicidou-se por sua causa e desde então decidiu punir-se optando, mais tarde, por ser prostituta.

- Tudo não passou de uma necessidade financeira: o pai da Garota do Maiô Dourado, ao contrário do que parecia, vivia grandes dificuldades.

- Hilda Furacão tinha grande competição com as primas, por isso, para ficar mais rica que elas, foi para o Maravilhoso Hotel depois de tentar inutilmente ganhar na Loteria Mineira.

- Uma vidente disse a ela: para você ser feliz e encontrar o seu príncipe encantado terá que sofrer mais do que a Gata Borralheira, porque sua madrasta será a própria vida.

Há outras pistas ou suspeitas além das que levantei? Certamente sim, de forma que deixo a seguir um espaço em branco para que os leitores anotem suas suspeitas e, mais tarde, com o desenrolar dos acontecimentos, possam ver se acertaram ou erraram.

Aqui termina o espaço reservado às anotações dos leitores; espero que tenha sido suficiente inclusive para minha querida Tia Çãozinha, que costuma ser prolixa.

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Volto a meu trabalho como repórter da *Folha de Minas*: a orientação de Felipe Drummond não poderia ter sido melhor: eu e o fotógrafo Demétrio Barbosa (sempre de paletó e gravata, o que não era comum na época) deveríamos fazer plantão permanente na Zona Boêmia; isto é, a partir das 6 da tarde, quando os armazéns fechavam as portas e as primeiras mulheres, com ar de banho tomado, chegavam aos passeios em frente aos hotéis e pensões. Os partidários da Cidade das Camélias prometiam uma grande manifestação na Rua Guaicurus e podiam chegar lá de repente. Recordo que um de meus primeiros despachos da Rua Guaicurus era uma vinheta que peço licença para transcrever:

“O feitiço volta-se contra o feiticeiro. Desde que foi lançada a campanha a favor da Cidade das Camélias, a Zona Boêmia é um promontório da alegria. Sugere os últimos dias de Pompeia. Tudo lá é encantado. A rua principal, a Guaicurus, conhece noites inesquecíveis. E nunca se viu tanto dinheiro. O vendedor de churrasquinho triplicou as vendas. No Restaurante Bagdá, especialista em comida árabe, é preciso disputar um lugar. As mulheres dos hotéis de primeira, segunda, terceira e quarta categorias jamais foram tão solicitadas. E na noite da última quinta-feira, a polícia foi chamada para conter os ânimos dos que disputavam um lugar na fila que vai dar num território mágico: o quarto 304, no terceiro andar do Maravilhoso Hotel onde Hilda Furacão é uma fada sexual.”

BOLÍVIA, CAPITAL LIMA

— E Frei Malthus, nosso candidato a Santo: o que andara fazendo nesse meio tempo?

Imagino que Tia Çãozinha, com seu coração de Candiinha, e os leitores (por que não?) estejam formulando essa pergunta; mas devo fazer mistério, por enquanto — na verdade, crescia a campanha pela Cidade das Camélias e ao mesmo tempo contra a Zona Boêmia e Hilda Furacão. Depois de algum suspense, Dona Loló Ventura, da Liga de Defesa da Moral e dos Bons Costumes, convocou os filhos de Adão e Eva para a grande manifestação em pleno território inimigo, no próprio coração do pecado, a Rua Guaicurus. E o movimento acabava de ganhar uma grande adesão: a do bispo Dom Cabral, na sua cadeira de rodas; ele, que colocou no índice a igreja moderna da Pampulha que Juscelino Kubitschek construiu quando prefeito, porque o autor do projeto — Niemeyer — e o autor dos murais — Portinari — eram comunistas; numa entrevista coletiva, a que Felipe Drummond e eu estivemos presentes, no Palácio Cristo Rei, Dom Cabral apoiou a construção da Cidade das Camélias e acusou a Zona Boêmia de ser uma sucursal do pecado; causou furor, no dia seguinte, o editorial que o *Estado de Minas* publicou, de autoria de Hermenegildo Chaves, o Monzeca, sob o título “A Madalena, o que é da Madalena”, em que defendia o direito das Madalenas de exercerem sua profissão, sim, mas não no coração de uma metrópole que ganhava foros de capital do mundo...

Os muros da cidade onde ainda estavam escritos, já um pouco esmaecidos, slogans como “O petróleo é nosso”, ganharam inscrições pró e contra a Cidade das Camélias; e alguns brincalhões picharam os pontos centrais, e a Rua Guaicurus,

com uma nova palavra de ordem: “Hilda Furacão é nossa”. Nesse clima febril, Felipe Drummond disse:

— Você vai entrevistar Hilda Furacão!

E eu fui; eu e o fotógrafo Demétrio Barbosa subimos numa tarde de terça-feira a escada do Maravilhoso Hotel; eu tinha telefonado para Hilda Furacão, da redação da *Folha de Minas*, e uma voz rouca, voz de herança mais italiana do que alemã, concordou:

— Venha às 3 da tarde ao quarto 304... e aí decido se dou ou não a entrevista.

Meu coração batia acelerado quando eu e Demétrio Barbosa chegamos à porta do quarto 304; a porta estava entreaberta, enfiei a cabeça e vi, sentada num sofá, a Garota do Maiô Dourado, cuja descrição adio mais uma vez, deixo para quando ela reaparecer, em circunstâncias muito especiais, nesta narrativa; tinha nas mãos o livro *Geografia geral*, de Moisés Gikovate, e senti o forte e adocicado cheiro do perfume Muguet du Bonheur que ela usava; quando nos viu deixou o sofá, fechando o livro e marcando a página com o dedo — e tudo em volta ficou escravo dela; caminhou até nós — caminhou com jeito de andar que os coronéis do interior de Minas, homens rústicos, definiam assim:

— Ela anda como uma égua campineira solta no pasto.

Apertou minha mão e a mão de Demétrio Barbosa, e, pedindo licença, fechou a porta; então perguntou se aceitávamos um refresco de groselha que a ela recordava os anos infantis, e andando pelo quarto que, ao seu andar, jogava como um navio navegando no mar de Minas, nos serviu o refresco de groselha, sem esperar nossa resposta; olhou para mim e perguntou, referindo-se à Miss Minas Gerais:

— Cê é parente da Glorinha Drummond?

— Sou, respondi — o que não deixava de ser verdade.

— Fomos colegas de colégio. Bons tempos.

Voltou ao sofá, cruzou as pernas, mas só deixou à mostra os joelhos, seus inesquecíveis joelhos; tinha um jeito muito

mineiro de falar “uai”, “ocê”; gostava da expressão lero — e, rindo abriu o livro de Moisés Gikovate e disse:

— Eu sou a-lu-ci-na-da por geografia.

Bebericou o refresco de groselha e perguntou:

— Cês gostam de geografia?

— More or less — respondeu Demétrio Barbosa.

— Uai, do you speak English? — e riu, olhando para mim:

— E ocê, gosta de geografia?

— Gosto muito.

— Uh, eu adoro fazer teste de geografia. Vamos fazer?

— Valendo o quê? — perguntou Demétrio Barbosa.

— Valendo um beijo — ela respondeu. — Quem responder certo, ganha um beijo. Perguntinha simples e boba: qual é a capital da Bolívia?

— Capital da Bolívia? É Bogotá — apressou-se Demétrio Barbosa.

— Ab-so-lu-ta-men-te errado! — ela disse. — Bogotá é a capital da Colômbia. Foi onde houve o célebre Bogotazo.

Olhou para mim à espera de minha resposta.

— A capital da Bolívia é La Paz — eu disse.

— La Paz? — ela riu, ficando de pé. — Ab-so-lu-ta-men-te errado: La Paz é a capital do Peru.

— Não senhora — falei. — Pode me dar o beijo que eu ganhei. A capital da Bolívia é La Paz.

— É Lima — ela teimou.

— É La Paz — insisti.

— Tá bem — ela disse. — Vamos conferir. Aqui está a geografia de Moisés Gikovate que não me deixa mentir.

De pé cantarolava enquanto folheava o livro, eu e Demétrio Barbosa a seu lado; parou de cantarolar quando encontrou a resposta:

— Uai! Santa madre! Cê é que tinha razão: a capital da Bolívia é La Paz.

Aproximou-se de mim e, dizendo “quem deve paga”, beijou meu rosto com todo o pecado do mundo.

(Não, Hilda Furacão não deu a entrevista, ainda era cedo para falar, mas prometia: quando chegar a hora ela me dará furo de reportagem, e eu perguntei:

— Você me conta por que veio para a Zona Boêmia?

Não respondeu — alguma coisa nublou nela, nos olhos cor de fumaça, como se fosse chover; pediu desculpas: às 5 da tarde, como toda primeira terça-feira do mês, estava comprometida com um coronel baiano, forte produtor de cacau em Ilhéus e que segundo ele mesmo dizia tinha inspirado um personagem de Jorge Amado no romance *Gabriela, cravo e canela*; levou-nos até a porta do quarto 304 e disse como se fosse a Garota do Maiô Dourado falando:

— Até mais ver.

Transformei o episódio daquela tarde no conto “Bolívia, capital Lima”, que o suplemento literário da *Folha de Minas* — dirigido pelo poeta Jacques do Prado Brandão — publicou, marcando a minha estreia como escritor; para não chegar de mãos vazias à redação entrevistei Maria Tomba Homem, que declarou sobre a sua ida para a Cidade das Camélias no seu jeito de falar e ganhou chamada na primeira página:

— Mais melhor é eles levar Maria Tomba Homem para a cidade dos pés juntos, que daqui da Guaicurus não saio, daqui ninguém me tira.

Fecho o parêntese, que está quase na hora de falar sobre a grande manifestação marcada para a Rua Guaicurus pelos partidários da Cidade das Camélias: a Noite do Exorcismo.)

14

PRECISA-SE DE UM SANTO

Frei Malthus — afinal, ele não fez segredo disso — estava no Convento dos Dominicanos degustando a geleia de jabuticaba,

pois teve uma noite de horrores em que duvidou da existência de Deus, quando o irmão leigo anunciou a comissão pró-Cidade das Camélias, liderada por Dona Loló Ventura.

— Frei Malthus? — disse Dona Loló. — Eu o imaginava mais velho. Tão novo e com essa aura de santo. Pois é de um santo que precisamos, Frei Malthus.

Ora, o Santo estava em crise, como foi falado, e quando Dona Loló convidou-o para assumir o comando da campanha a favor da Cidade das Camélias, aceitou; é bem verdade que, desde Santana dos Ferros, posicionava-se contra a Zona Boêmia. Como presidente do Grêmio Literário Abgar Renault, do Ginásio Santanense, apoiou o Padre Nelson, o ex-vigário, numa polêmica proibição; após acabar com o carnaval mandando tocar os sinos das três igrejas quando os bailes começavam, decidiu confinar em estreitos limites Alição, Alice e Alicinha, mãe, filha e neta, as três principais prostitutas de Santana dos Ferros — elas ficaram com seu parco território ainda mais limitado: do beco em que moravam só podiam chegar à metade da ponte sobre o Rio Santo Antônio; uma tarde, eu e Aramel, o Belo, estávamos vindo pela ponte quando encontramos Alição, Alice e Alicinha.

— Aramel e Roberto — disse Alição. — Eu que descabacei ocês dois, tenho direito a rogar um pedido.

— Pode fazer o pedido, Alição — falou Aramel, o Belo.

— Eu rogo a ocês, Aramel e Roberto, que ocês cheguem lá no adro da igreja e cheirem bem e voltem pra contar cumo que é o perfume de lá, que eu esqueci cumo é e já num durmo de noite, mode querer saber.

Voltemos a Frei Malthus e à comissão liderada por Dona Loló Ventura, na sala de reuniões do Convento dos Dominicanos — nosso candidato a Santo aceitou prazerosa e devotadamente o convite; ele mesmo ia realizar a cerimônia de exorcismo: ia exorcizar aquela usina de pecado, livrar a Rua Guaicurus e adjacências da presença do demônio que, segundo estava informado, assumia a face de anjo — por isso

mais diabólica — de Hilda Furacão; no dia seguinte, os jornais gritaram em manchetes:

“Santo promete exorcizar
o demônio Hilda Furacão.”

Na nossa cidade não se falou em outra coisa até que chegou a grande Noite do Exorcismo na Rua Guaicurus.

Pobre Frei Malthus: não sabia — diria Tia Çãozinha — com que caixa de maribondos ia mexer.

15

OS DISFARCES DO DIABO

Carros com alto-falantes saíram às ruas, mal o dia clareou, convidando o povo para a Noite do Exorcismo em que o único Santo vivo, em carne e osso, da face da terra iria “exorcizar o demônio disfarçado de Hilda Furacão”. Era de ninguém perder. Por volta do meio-dia, no Convento dos Dominicanos, o Santo almoçava e um Cessna jogava panfletos sobre a cidade; um panfleto caiu no quintal do convento, o irmão leigo apressou-se em apanhá-lo e deu para o Santo ler:

“Santo exorciza demônio!!!

Hoje às 20 horas, na Rua Guaicurus, grande marcha contra a presença do demônio disfarçado de Hilda Furacão, em Belo Horizonte.

Um Santo vai exorcizar Hilda Furacão, tirar o demônio de seu coração e fazê-la voltar a ser a Garota do Maiô Dourado.

Hoje!!! Grande Noite do Exorcismo! Concentração: 19 horas e 30 minutos diante da Central do Brasil. Não

perca o trem da História!!! Ajude a construir a Cidade das Camélias.

Deus, sim, Diabo não!”

(O Santo lê o panfleto, vai para seus aposentos, abre a lata de geleia de jabuticaba, chama o irmão leigo e pede que passe um telegrama urgente para Santana dos Ferros dirigido a Dona Nhanhá; o texto:

“Querida mãe: mande urgente geleia de jabuticaba PT Saudações em Cristo PT O filho, Frei Malthus.”)

16

A NOITE DO EXORCISMO

Na frente da multidão que carrega tochas acesas, fabricando fantasmas nas paredes dos hotéis e das pensões da Rua Guaicurus, aos gritos de “Deus sim, Diabo não” — vai o Santo, magro, a batina branca de frei dominicano, andar cadenciado e leve, como se daqui a pouco fosse levitar; os óculos de tartaruga insistem em escorregar para a ponta do nariz e fazem cócegas na orelha esquerda; o cabelo do Santo é curto, partido de lado — o que o rejuvenesce. Nas mãos leva um crucifixo, no coração uma angustiada pergunta: “Foi para isso, Senhor?”; e junto com a pergunta, mais forte, insistente, aquela divisão nos extremos da santidade e do pecado. Ah, entremos no coração do Santo: hoje, nesta noite que escureceu mais cedo, quando vai exorcizar o demônio, tirá-lo do coração e do corpo de uma mulher que é a ruína e ao mesmo tempo a ventura dos homens — nesta noite, quando pisou na rua dos pecados, a Guaicurus, foi tomado pela dúvida; ao deixar o Convento dos Dominicanos e entregar ao irmão leigo a água

benta com que ele borrifará a Rua Guaicurus, seus prédios, suas casas, suas árvores, seus postes, seus cães vadios, seus gatos talvez famintos, seus mendigos, seus loucos, suas loucas, suas mulheres, seus rufiões, seus gigolôs, seus travestis, seus foragidos da polícia; ao entregar a água benta ao irmão leigo, pensou em dizer:

— Leva um pouco de geleia de jabuticaba, irmão leigo.

Atrás do Santo, puxando a multidão, vem o irmão leigo junto a jovens seminaristas que borrifam a rua onde mora a pecadora; e atrás do irmão leigo e dos seminaristas vem Dona Loló Ventura, um enorme terço escorrendo nas mãos, e logo um séquito de beatas, clareadas pelas tochas acesas, as vozes rezando entremeadas pelos gritos de “Deus sim, Diabo não” e pelas sirenes das radiopatrulhas e dos caminhões do corpo de bombeiros, pois entre os manifestantes há fanáticos, um deles pode atear fogo na pecadora, incendiá-la como uma Joana d’Arc pecadora; os gritos aumentam à medida que a multidão com as tochas acesas liderada pelo Santo, penetra no território maldito: os hotéis e as pensões têm as janelas abertas e as luzes apagadas, não parece haver viva alma lá dentro, recordam hotéis e pensões de uma cidade fantasma.

A cerimônia de exorcismo vai acontecer diante dos dois principais templos do pecado da Zona Boêmia: o Montanhês Dancing e logo ao lado o Maravilhoso Hotel, lá, onde no quarto 304 fica a própria encarnação do demônio; até a esquina de Guaicurus com Rio de Janeiro a multidão comandada pelo Santo não encontra obstáculo pelo caminho: só um cão, que Freud já dizia que é o símbolo do sentimento de culpa — pensa o Santo, como confessaria mais tarde —, só um cão late para a multidão, da janela de uma casa vazia; quando a manifestação deixa para trás a esquina de Rio de Janeiro e segue pela Guaicurus, o céu começa a escurecer, o Santo olha as nuvens negras e baixas, e sente um cheiro de chuva, pensa nas chuvas de outrora, as chuvas da infância e se pergunta: “O que a mãe está fazendo agora? Acompanha pelo rádio o

relato sobre a Noite de Exorcismo?” Sente saudade da mãe e, como diria Freud, por que é que nos momentos difíceis nós nos infantilizamos? Dizem que no front das guerras os soldados chamam pelas mães durante os combates. Os relâmpagos abrem um clarão e depois explodem no céu, abafam as sirenes, abafam os gritos de “Deus sim, Diabo não”, abafam a voz das beatas rezando, comandadas por Dona Loló Ventura, abafam estas batidas no coração do Santo, que ele sente que bate na garganta como um tambor; e um arrepio percorre sua pele, fazendo-o ter saudade das gripes da infância; agora a alegria é maior que a saudade e o Santo tenta imaginar o momento em que vai exorcizar Satanás.

— E se Satanás não aparecer?

Quando o Santo atravessa a fronteira da Guaicurus com São Paulo e penetra no território que uns dizem encantado, onde reina Hilda Furacão, da ponta de lá da rua vem vindo uma multidão silenciosa, compacta, escura, que não carrega tochas acesas; soldados da Polícia Militar, armados de cassetetes, revólveres e bombas de gás lacrimogêneo avançam apressadamente, deixam a esquina de São Paulo onde estavam entrincheirados; soam sirenes, tropeja no céu cada vez mais escuro, e os soldados, ajudados por prestimosos guardas-civis, isolam uma área em frente ao Montanhês Dancing e ao Maravilhoso Hotel e criam um pequeno território neutro, uma terra de ninguém no que prometia ser um campo de batalha.

A alguns passos do cordão de soldados e guardas-civis, mas dentro da terra de ninguém, o Santo para; volta-se para a multidão que carrega tochas acesas e grita “Deus sim, Diabo não”, e faz um gesto, logo atendido, pedindo silêncio; avança mais três passos, o que leva Dona Loló Ventura e o irmão leigo a darem dois pulinhos, ergue o crucifixo na direção do Montanhês Dancing e do Maravilhoso Hotel; luta contra a vontade de comer geleia de jabuticaba e grita com uma voz que, sendo de Santo, tem um tom musical (não fosse ele um barítono de chuveiro):

— Eu te exorcizo, Satanás!

É então que Hilda Furacão vem descendo a escada do Maravilhoso Hotel e caminha na direção do Santo.

17

MAIS FOSSE UM ANJO

A bem da verdade o Santo nunca tinha visto Hilda Furacão; nem mesmo a conhecia por fotos — assim, como todos, santos ou pecadores, que não sabiam como era, podia imaginá-la imensa, enormes nádegas aprisionadas em saias justíssimas e curtas; e com uma pitada de má vontade, dava-lhe grandes seios, além, muito além dos seios de Jane Mansfield, de Jane Russel e de Gina Lolobrigida, que o dever do ofício de saber das tentações sofridas pelos homens o fazia conhecer pelas fotografias; ah, e o Santo (como confessaria a este escriba), tratando-se de uma encarnação do demônio, esperava ver Hilda Furacão com uma enorme e obscena boca lambuzada de batom, revoltos cabelos, brincos de argolão e, nos olhos quem sabe negros, um certo cansaço daquela vida de orgias e toda a lascívia deste mundo. Por tudo isso — e sentiu que era ela quem vinha em sua direção pela estranha reação dos soldados e guardas-civis que, ao vê-la passar e sem barrar-lhe o caminho, tiraram reverenciosamente seus quepes e bonés, sendo que alguns caíram de joelhos, enquanto um silêncio imenso se fez —, por tudo isso, duvidou do que via.

— Ajudai-me, Santo Antão — rogou —, que não posso crer no que vejo!

Ela veio andando na direção dele como uma festa; no que andava — e isso era natural nela, nunca teve aulas — trazia toda a alegria do mundo; era clara, tinha a Itália materna na

pele e a Alemanha paterna nos olhos cor de fumaça e um certo quê louro nos cabelos lindamente presos; e a arrogância, esse não abaixar a cabeça, esse não desviar os olhos, de onde é que vinha? O vestido era um tomara que caia preto, que assumia a forma surpreendentemente jovem de seu corpo, uma lembrança das missas dançantes do Minas Tênis Clube; e o Santo — que desviou o crucifixo no rumo dela — teve medo de pensar (oh, louco coração!) que ela não usava sutiã e que seus seios recordavam duas maçãs argentinas e eram inquietos como os pássaros do paraíso; usava um sapato de salto alto cravejado de vidrilhos, também lembrança das missas dançantes do Minas Tênis, sapatos que estranhamente brilhavam mais e mais, sugerindo festas encantadas.

— Mais fosse um anjo — pensou o Santo. — Ah, Santo Antão, o demônio sabe como se fantasiar para nos tentar!

Parou a poucos passos dele; o gás néon do luminoso do Montanhês Dancing jogava uma névoa ora azul, ora verde, ora laranja, ora vermelha no vulto dela; então o Santo sentiu o forte, penetrante e adocicado cheiro do perfume Muguet du Bonheur que ela usava; era alérgico a perfumes — uns provocavam-lhe incontroláveis espirros, outros faziam a cabeça estourar de dor —, implorou a Santo Antão, que conhece as tentações do demônio, travestido de mulheres e de anjos:

— Que minha cabeça estoure de dor, Santo Antão, mas livrai-me dos espirros, amém!

Santo Antão o atendeu; com o crucifixo, sem espirrar mas com a cabeça latejando de dor, decidiu enfrentá-la, vale dizer: decidiu enfrentar o demônio na pele de um anjo.

TE ESCONJURO, SATANÁS

Gritou então, o crucifixo erguido e apontado no rumo dela:

— Te esconjuro, Satanás!

Na hora, um trovão explodiu como anunciando que o que acontecia aqui na terra repercutia lá no céu, e caíram os primeiros pingos de chuva, gordos e esparsos; ela não desviava dele os olhos de fumaça e meio sorria; esperou o rugido do trovão morrer ao longe e sua voz de um rouco que a emoção acentuava foi ouvida:

— Quer dizer que eu sou o demônio e o senhor, Frei Malthus, mais que Santo, é Deus?

— Alto lá! — cortou-a Dona Loló Ventura, colocando-se ao lado de Frei Malthus. — Como se atreve, Madalena pecadora, a se dirigir em termos tão desrespeitosos a um Santo?

Gritos de “Deus sim, Diabo não” vieram da multidão com tochas acesas, além de um grito mais inquietante: “Queimem essa herege!” Os soldados e os guardas-civis puseram seus quepes e bonés, a multidão silenciosa, a do outro lado da Guaicurus, a que não carregava tochas e era formada por prostitutas, rufiões, gigolôs, malandros, foragidos da polícia, bons e maus ladrões, chapas que carregavam e descarregavam os caminhões nos armazéns da Zona Boêmia, aquela multidão silenciosa deu um passo à frente; imensa, no seu um metro e noventa de altura, forte como um estivador, uma flor vermelha no cabelo, Maria Tomba Homem adiantou-se e foi ficar à direita, um pouco atrás da Hilda Furacão; logo, o travesti Cintura Fina, com sua navalha voadora escondida dentro da blusa, colocou-se à esquerda de Hilda Furacão — pela primeira vez estava do mesmo lado de Maria Tomba Homem. O Santo continuava com o crucifixo apontado para Hilda Furacão e a dor de cabeça aumentava.

— Dobre a língua, Madalena — gritou Dona Loló Ventura.
— Aprenda a falar a um Santo!

Foi meio sorrindo, o que destacava os dois furos no rosto, que Hilda Furacão falou:

— Minha querida Dona Loló: espero ser tratada pela senhora com a mesma Ihanza (e aqui ela sorriu, como se se desculpasse pela invasão castelhana na sua fala), com a mesma Ihanza, repito, com que eu e minha família a tratávamos quando a senhora, que era nossa vizinha no bairro de Lourdes, ficou viúva e ia lá em casa pedir açúcar e café emprestados, os quais, diga-se de passagem, a senhora, Dona Loló, nunca nos pagou.

Maria Tomba Homem e o travesti Cintura Fina aplaudiram e a multidão sem tochas os imitou, ouviram-se gritos de “Viva Hilda Furacão!” Certa do efeito conseguido (Dona Loló Ventura apenas ajeitava o cabelo pintado de azul-claro), Hilda Furacão encarou o Santo com seus olhos de fumaça:

— O senhor, espera um pouco — mediu-o de alto a baixo.
— O senhor é tão jovem!

Falava como se ela não tivesse apenas 21 anos incompletos:

— O senhor é tão jovem, Frei Malthus, que vou chamá-lo de você. E faço um desafio, Frei Malthus: abaixa esse crucifixo e responda. Responda que espécie de Santo é: Santo dos ricos ou Santo dos pobres?

Explosões no céu abafaram a fala dela.

19

E SE FOI DEUS QUEM ME MANDOU?

— Desafio — ela continuou, quando os trovões passaram. — Abaixa esse crucifixo, Frei Malthus, e responda: que tipo de Santo é você? Que procuração Deus lhe deu para falar em seu nome?

Frei Malthus ouvia calado; a cabeça explodia, o perfume Muguet du Bonheur parecia mais forte; pensou em pedir uma aspirina ao irmão leigo, que andava com uma farmácia de emergência no bolso, e abaixou o crucifixo, sendo aplaudido pelos partidários de Hilda Furacão.

— Eu também aplaudo — e aquelas mãos mágicas, aquelas mãos pecadoras, bateram palmas. — Responda, Frei Malthus: alguma vez, você que é Santo, soube como vive um operário brasileiro? Pois eu, que você diz que sou o demônio, sei como vive o operário brasileiro. Sei da fome do povo brasileiro, a fome dos operários, dos favelados, dos subempregados, dos desempregados, e dos que nada têm e que sentem uma fome muito além do pão nosso de cada dia, Frei Malthus. Sentem uma fome de carinho, fome de esperança, meu querido Frei Malthus.

Aquele “meu querido Frei Malthus” perturbou-o, e todos, Hilda Furacão, o irmão leigo, todos perceberam; Dona Loló Ventura deu uma discreta, mas nem por isso menos violenta cotovelada no Santo, como a dizer: “Reaja!” Agora as nuvens escuras estavam mais baixas; uma rajada de trovões rugia no céu como um bando de leões e começou a chover forte, era a chuva dos trópicos, violenta, furiosa, chicotadas de água, mas ninguém arredou pé da Rua Guaicurus. A batina do Santo está ensopada e ele vê os cabelos molhados dela (“Valei-me, Santo Antão!” murmura só para si), depois vê o vestido tomara que caia colar-se no corpo dela (mais e mais valei-me, Santo Antão), e sente uma louca, doidivana vontade de falar:

— Vai trocar de roupa, senão você fica resfriada e pode até pegar uma pneumonia!

Mas eis que fala, ganhando aplausos e ficando sem resposta, já que um trovão cala Hilda Furacão:

— Esta é uma chuva abençoada porque vem lavar os pecados da Rua Guaicurus e da Zona Boêmia!

As chicotadas da chuva são cada vez mais fortes; vêm do céu, clareado pelos relâmpagos e sacudido pelo estrondo dos trovões, a impressão de que Belo Horizonte está sendo

bombardeada por aviões inimigos ou que Deus não está gostando do que vê; de repente, tudo escurece: apagam-se as luzes, a Rua Guaicurus fica escura, clareada pelo bombardeio dos trovões e um raio cai ali perto, talvez atraído pelo para-raios da feira de amostras, onde funcionava a Rádio Inconfidência. Num clarão que se prolongou Hilda Furacão ficou iluminada e, ao vê-la, conforme novas confissões, Frei Malthus teve um estranho medo: de que um raio caísse na Rua Guaicurus e a matasse. Nova cotovelada de Dona Loló Ventura e o Santo ergue o crucifixo na direção da pecadora e grita, na escuridão entrecortada pelos clarões:

— Eu a exorcizo, pecadora! Você é a enviada do demônio para tentar os homens aqui na terra.

Ela retruca:

— E se foi Deus, Frei Malthus, quem me mandou à terra para fazer um relatório sobre o que se passa no coração dos homens?

Para de falar, está molhada, os seios insistem em se insinuar no vestido tomara que caia quando clareada pelos trovões; e ela continua:

— Responda, Santo dos ricos: que milagre você já fez para ser chamado de Santo?

Não precisou que Dona Loló Ventura desse nele uma nova cotovelada; gritou:

— Você vai ser meu primeiro, Hilda! Eu vou exorcizá-la e convertê-la ao reino de Deus.

20

O SAPATO DA CINDERELA

Foi a última frase da noite: do céu caiu sobre todas as cabeças, santas e pecadoras, uma tal fúria diluviana, que fez crescer a

sensação de que Belo Horizonte estava sendo mesmo bombardeada por aviões inimigos; o Restaurante Bagdá, atingido por um raio, ardia em chamas, e começou uma enorme confusão, gritos e corre-corre; na confusão, arrastada pelas mãos protetoras de Maria Tomba Homem e Cintura Fina, Hilda Furacão perdeu um pé do sapato; Frei Malthus encontrou-o e o meteu no largo bolso do hábito de dominicano, clareado pelas chamas do Restaurante Bagdá.

De madrugada, tendo nas mãos um exemplar da *Folha de Minas* recém-impresso com o relato sobre os acontecimentos da última noite, passei pela Rua Guaicurus e, não fossem os destroços do Restaurante Bagdá e uma tênue fumaça que saía de lá, dava para pensar na bonança que vem depois da tempestade, porque em algum lugar, talvez no coração dos homens e das mulheres que dormiam, um violino tocava em surdina.